

UMA RESENHA DE “LANGUAGE, USAGE AND COGNITION”

Maria Maura da C. Cezario (UFRJ / CNPq / FAPERJ)

Deise C. de Moraes Pinto (Uniabeu)

Karen Sampaio B. Alonso (UFRJ)

RESENHA/REVIEW: Bybee, Joan (2010). *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP.

KEY WORDS: Usage-Based Linguistics; Linguistic Change; Cognitive Processing; Constructions.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Centrada no Uso; Mudança Linguística; Processamento Cognitivo; Construções.

O mais recente livro de Joan Bybee, professora aposentada da University of New Mexico, intitula-se *Language, usage, and cognition* e trata dos processos cognitivos que subjazem ao modo como as palavras se juntam para formar construções. Em outras palavras, tem por objeto o processamento linguístico e como os processos afetam a representação das palavras na memória, gerando mudanças linguísticas ao longo do tempo. Assim, o livro também apresenta uma perspectiva diacrônica com o propósito de mostrar como esses processos cognitivos moldam a gramática da língua.

A obra reúne as principais reflexões e conclusões resultantes do extenso trabalho de pesquisa da autora ao longo de várias décadas e que a levaram a integrar linguística e ciências da cognição e, conforme a própria autora afirma, é mais uma síntese de trabalhos anteriores do que um livro original. Uma das principais ponderações diz respeito ao papel da frequência de uso na representação mental e, conseqüentemente, na mudança linguística.

O livro está organizado em onze capítulos que percorrem uma trajetória coesa e consistente de desenvolvimento das ideias abordadas. Entretanto, os iniciados no tema poderão reportar-se apenas aos capítulos que diretamente lhes interessem, a fim de fundamentar teoricamente, orientar ou reencaminhar suas pesquisas.

O primeiro capítulo, *A usage-based perspective on language*, discute a visão de linguagem centrada no uso e sua validade. Pelo fato de as línguas, ao mesmo tempo, exibirem regularidade e variação, Bybee postula que uma teoria da linguagem poderia focar os processos dinâmicos que criam as línguas e fazem delas sistemas adaptativos complexos, que exibem variação e gradiência. Essa última refere-se à transição, à mudança gradual que dificulta a distinção das categorias linguísticas. A partir dessa concepção, a autora analisa como os processos cognitivos de domínio geral podem derivar os fenômenos estruturais observados na gramática das línguas.

Para justificar a visão de língua como sistema adaptativo complexo, Bybee exemplifica com alguns tipos de variação e gradiência, como morfemas, certos auxiliares em inglês e a construção *I don't + verbo* (por exemplo, *I don't know X I don't inhale*). Segundo ela, existe gradiência em todos os níveis linguísticos e esse fator é essencial no processamento linguístico, o que mostra que a língua é afetada pelo uso e o sistema cognitivo, pela experiência. Além disso, a autora evoca o conceito de “construção”, conforme definido por Fillmore *et al.* (1988), Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), como um pareamento direto forma-sentido que tem estrutura sequencial e pode incluir posições fixas e posições abertas. De acordo com Bybee, como as construções apresentam esse pareamento, não se pode falar que a gramática contém módulos de sintaxe e semântica separados. Neste livro, a autora considera que os processos que geram a estrutura linguística não são específicos da linguagem e sim aplicados a outros domínios cognitivos (domínios gerais). Deste modo, define e examina os seguintes processos de domínio geral: categorização, *chunking*, memória rica, analogia e associação transmodal. A autora trabalhou com vastos *corpora* oral e escrito das línguas inglesa e espanhola, o que lhe proporcionou uma visão, ao mesmo tempo, abrangente e precisa da experiência que os usuários têm com a língua.

O capítulo 2, *Rich memory for language: exemplar representation*, trata da representação de exemplares na memória e de como o uso da língua afeta essa representação, ao contrário do que apontam os modelos formalistas, que acreditam que redundâncias e variação são descartadas e não armazenadas na memória. Segundo Langacker (1987), é preciso acumular na memória um conjunto de exemplos para formar uma generalização e esses exemplos não são necessariamente descartados. Bybee também reavalia o papel da imitação e afirma que essa habilidade, juntamente com outras, contribui para o funcionamento das línguas.

Ainda no capítulo 2, a autora cita alguns resultados experimentais que reforçam a noção de representação abstrata, tratando das representações de exemplares na fonologia, na morfologia e na sintaxe. Ela mostra, na fonologia, que cada dado tem impacto na memória, ou seja, na representação; com isso, mesmo a pronúncia do adulto pode mudar com o tempo, ainda que sutil e mais vagarosamente. Já as relações morfológicas, segundo ela, surgem a partir de relações formadas entre as palavras devido a sua semelhança fonética e semântica. Por exemplo, *capable* sinaliza ser um adjetivo por ter uma conexão com um sufixo geral formador de adjetivos, *-able*, como em *readable*, *washable* e *unbelievable*, embora *cap-* não signifique nada. Essa propriedade de representação de memória rica é muito importante para descrever e explicar como palavras, sequências de palavras e construções acumulam propriedades específicas quando são usadas em um contexto. Ainda no que tange à morfologia, Bybee relembra que exemplares de alta frequência são mais fortes e o efeito disso é que são mais fáceis de serem acessados e exibem maior estabilidade morfológica. No nível sintático, de acordo com a linguista, as sequências de palavras também podem ser analisadas numa rede de relações. Por exemplo, a expressão idiomática¹ *pull strings* tem sentido metafórico, mas ainda assim é associada às palavras independentes *pull* e *strings*. Essas ligações lexicais, entretanto, podem ter maior ou menor força de acordo com certos fatores que influenciam na manutenção ou perda dessas ligações, conforme Bybee mostra nos capítulos seguintes. Já as construções têm representações de exemplar mais complexas, pois são parcialmente esquemáticas e podem ser acessadas por extensão analógica ou por criação de novas construções. Expressões idiomáticas e unidades pré-fabricadas (*prefabs*²) são, para a autora, exemplares específicos de construções.

Bybee discute, no capítulo 3, *Chunking and degrees of autonomy*, e nos dois próximos, os mecanismos cognitivos e neuromotores de processamento que formam a gramática. Nesse capítulo, a autora aborda

1. Segundo Bybee (p. 35), expressões idiomáticas têm um sentido não-literal (metafórico, metonímico ou hiperbólico).

2. Segundo Bybee (p. 35-36), *prefab* é qualquer expressão convencionalizada.

a relação sequencial desenvolvida quando duas ou mais palavras são usadas frequentemente juntas, ou seja, a habilidade de construir estruturas hierarquicamente organizadas para armazenamento na memória (*chunks* menores dentro de maiores). Essa capacidade - denominada *chunking* - é acionada pela repetição e pode levar à formação de construções, sequências formulaicas ou *prefabs*: *take a break*, *break a habit*, *pick and choose*. Por outro lado, quanto maior o *chunk* (a unidade multivocabular), menor a frequência de ocorrência.

Existem *chunks* fracos e fortes formando, assim, um *continuum*: desde palavras que foram usadas juntas apenas uma vez (nesse caso, suas partes internas são mais fortes do que o todo) até as mais frequentes (como em *lend a hand*), que são mais facilmente acessadas. A estrutura interna do *chunk* é baseada em associações entre a *prefab* e outras ocorrências das palavras que aparecem nela e em associações entre a *prefab* e a construção mais geral que a originou. Por exemplo, em *lend a hand*, as partes internas ainda são identificáveis (analisabilidade), mas a expressão também pertence ao grupo exemplar V-SN.

A autora passa à distinção entre os seguintes parâmetros gradientes: composicionalidade e analisabilidade. O primeiro é uma medida semântica e refere-se ao grau de previsibilidade do significado do todo a partir do significado das partes. O segundo é um parâmetro morfossintático e refere-se ao reconhecimento da contribuição de cada componente. As duas medidas são independentes, pois há casos em que a composicionalidade é perdida, mas a analisabilidade se mantém.

Um fator que responde pela perda da analisabilidade e da composicionalidade, e que, portanto, também ajuda a caracterizar a estrutura linguística, é a frequência. Bybee, mais uma vez, revisa a literatura sobre o tema, principalmente no que tange à frequência relativa (frequência de uma palavra complexa em relação a sua base), e acrescenta que, quando a frequência de ocorrência é extremamente alta, a perda de analisabilidade e de composicionalidade ocorre independentemente da frequência relativa. Um dos autores revisitados por Bybee, Hay (2001; 2002), concluiu que, quanto maior a frequência da palavra complexa, mais provavelmente ela será acessada sem uma ativação completa da base. Essa é uma evidência de que a analisabilidade e a composicionalidade são afetadas pelo uso da língua: quanto mais essas formas são usadas juntas, mais fortes são como unidade e estarão menos associadas às partes que a compõem. Em casos de grande aumento de frequência, essa unidade pode se tornar autônoma em relação à sua origem. A autonomia é a perda de analisabilidade e de composicionalidade e é criada a partir dos seguintes mecanismos: acesso direto repetido às sequências complexas, redução fonética e associações pragmáticas que surgem nos contextos de uso.

Bybee discute, ainda, o modelo de rede combinado com exemplar, significado e inferência. Afirma que inferências feitas frequentemente num contexto podem tornar-se parte do significado da expressão ou construção e levam ao seu uso em novos contextos. Isso sugere que não há uma divisão clara entre os sentidos que emergem do contexto e os inerentes ao item lexical ou construção.

Um ponto negativo que pudemos observar foi a falta de precisão no uso de determinados termos como, *chunks*, *prefabs* e *idioms*. Para quem conhece a teoria, é possível compreender que esses termos diferentes são usados numa tentativa de dar conta do contínuo entre construções mais esquemáticas e aquelas mais substantivas, entretanto, nem sempre ficam claros os critérios que sustentam essa taxonomia.

O capítulo 4, *Analogy and similarity*, dá continuidade ao anterior na tarefa de examinar os mecanismos de processamento. Nesse capítulo, a autora trata da analogia, que é o uso de um novo item em um

padrão já existente (construção). Isso se deve à habilidade de expandir posições esquemáticas em construções para preenchê-las com novos itens lexicais, com sintagmas e com outras construções. Entretanto, a probabilidade e aceitabilidade de um novo item é gradiente e baseia-se na extensão de semelhança com os usos anteriores da construção. Além disso, o uso de um novo item em uma construção requer muito conhecimento relacional e ajuste estrutural, requisitos para a analogia.

Bybee apresenta a analogia como um processo de domínio geral, em que há semelhanças em dois domínios diferentes. Do ponto de vista linguístico, a maioria das formações por analogia baseia-se na semelhança fonológica ou semântica com formas existentes.

A autora cita diversos trabalhos que demonstram a importância da semelhança com (parte de) enunciados anteriores na produção de novos enunciados. A aceitabilidade desses novos enunciados se deve à semelhança com sequências frequentes, convencionalizadas. Fundamentada por vários estudos, ela afirma que nossas escolhas vocabulares não são livres e sim determinadas por *chunks* maiores ou por *prefabs* que servem de base para a analogia. Observa, ainda, que os *prefabs* são estabelecidos pela repetição no uso, mas não precisam ser altamente frequentes.

Segundo Bybee, as semelhanças entre a mudança analógica na morfologia e em construções sintáticas corroboram a ideia de que a analogia se aplica aos níveis morfológico e sintático, tanto do ponto de vista diacrônico quanto no processamento sincrônico. No nível fonológico, a semelhança com membros existentes na classe (por exemplo, alguns verbos irregulares em inglês) influencia intensamente novas formações. No nível morfológico, novas formações baseiam-se na semelhança com exemplares existentes. No nível construcional, a autora mostra evidências da importância de combinações anteriores na produção das novas, com base no significado. Ela dá exemplos em espanhol com verbos do tipo *quedarse* (em formações do tipo *quedarse solo*) e afirma que a categorização não se dá em termos de traços altamente gerais, mas sim de semelhanças locais de significado com sintagmas convencionalizados (analogia com base no item). É a analogia como fonte de novas construções.

Bybee trata também do funcionamento da analogia na linguagem infantil. Mostra, através de um panorama das pesquisas recentes, como a perspectiva centrada no uso tem contribuído e pode ainda contribuir para explicar a aquisição, desde emissões específicas até a construção de padrões mais gerais. Por exemplo, com o uso de apenas duas operações, justaposição (uso de duas formas juntas) e sobreposição (preenchimento das lacunas que formam as construções esquemáticas), também disponíveis para adultos, a criança pode derivar formas novas a partir de formas memorizadas anteriormente. As crianças armazenam exemplares experienciados e gradualmente os expandem para chegar a padrões mais gerais. A sobreposição é o principal mecanismo de produção de estruturas complexas e a principal fonte de estrutura hierárquica.

Segundo Bybee, a analogia também é usada para descrever dois tipos de mudança linguística: o nivelamento analógico (quando uma forma nova é criada pela aplicação da construção regular à base ou ao membro mais frequente do paradigma. Ex.: uso de *leaped* ao invés de *leapt*.) e a extensão analógica (introdução de uma alternância nova no paradigma. Ex.: verbos ingleses que perderam a distinção entre tempo passado e particípio passado, como *string*, *strung*). Diacronicamente, a analogia e o efeito de frequência de ocorrência nos ajudam a compreender construções muito parecidas coexistindo na língua. A analogia como tipo de mudança linguística histórica não é separada da analogia como mecanismo de processamento cognitivo, o que significa que mecanismos de mudança são baseados em mecanismos de processamento.

O capítulo 5, *Categorization and the distribution of constructions in corpora*, trata mais detalhadamente do conceito de construção. Para a autora, como dissemos, construções são pareamento de forma com significado (incluindo aí aspectos pragmáticos) que frequentemente apresentam posições esquemáticas. Mais especificamente, ela faz uma reflexão acerca das propriedades que afetam a estrutura interna das construções, considerando a produtividade e o grau de analisabilidade e esquematicidade dessas. Nesse sentido, serão levadas em conta as categorias que constituem os espaços mais esquemáticos nas construções.

Um dos aspectos relevantes para a autora ao tratar de construções é o fato de que elas evidenciam a relação entre item lexical e estrutura gramatical. Desse modo, os itens lexicais presentes na construção contribuem para o seu sentido e ajudam a determinar sua função e distribuição no discurso. Para analisar essa interação, Bybee propõe que sejam apresentados os princípios que governam as categorias exemplares.

As categorias exemplares, por serem construídas por meio da experiência, exibem efeitos prototípicos, ou seja, apresentam elementos mais e menos centrais. Ao tratar de protótipo, a autora considera dois fatores importantes: a semelhança e a frequência. A inclusão da importância da frequência na determinação dos elementos mais centrais de uma determinada categoria linguística resgata, de certa forma, os estudos anteriores realizados pela autora e revisitados, neste livro, sob a ótica da linguística centrada no uso.

A autora se debruça sobre o uso da língua e a formação de constructos morfossintáticos mais ou menos especificados lexicalmente e que se formam na língua de modo gradual. Desse modo, são consideradas combinações mais ou menos esquemáticas, que de certa forma evidenciam a complexidade de se tratar de construções sob a ótica funcionalista da gramática em uso, sem perder de vista a importância das operações cognitivas envolvidas.

Os capítulos 6 a 8, respectivamente *Where do constructions come from?*, *Reanalysis or the gradual creation of new categories?* *The English auxiliary* e *Gradient constituency and gradual reanalysis*, tratam do modo como os processos cognitivos se aplicam à mudança linguística, especialmente no que se refere a casos de gramaticalização e à criação de novas construções em geral.

No capítulo 6, Bybee insere a diacronia como parte de uma teoria da gramática, retornando à perspectiva da gramática emergente e, assim, novamente recorrendo à literatura funcionalista para entender de onde vêm as construções. Dois pontos são focalizados para se responder a essa questão: de um lado, a gramaticalização das unidades linguísticas; de outro, o entendimento do uso linguístico como fonte da mudança.

A respeito da gramaticalização, a autora destaca a importância de se considerar que o processo acontece dentro de uma construção particular e que, por meio desse processo, novas construções são formadas. Pode-se entender que a gramaticalização ocorre no uso da língua e que envolve um processo em que uma instância particular de uma construção se torna autônoma em relação às demais instâncias. Foi o que aconteceu, por exemplo, na construção instanciada pelo verbo *go* no processo de formação do futuro.

Assumindo esse ponto de vista, a autora afasta-se de uma descrição puramente sincrônica; assim, entende que construções podem ser tomadas como arbitrarias por serem produtos de uma longa

trajetória de mudança, mas que, para compreender a sua formação, a análise diacrônica é fundamental. Para Bybee, fica, portanto, claro que a mudança linguística é gradual, construída por meio de uma estrutura gramatical mais maleável, composta de categorias não discretas, perspectiva que demonstra a afinidade da autora com os pressupostos teóricos da linguística centrada no uso.

O capítulo 7 apresenta uma análise histórica do surgimento de algumas construções envolvendo auxiliares em inglês. Demonstra que a mudança de usos mais lexicais (verbos plenos) para usos mais gramaticais (auxiliares) foi gradual. O capítulo também trata de outras mudanças relacionadas: o uso de perífrases com o verbo *do* e o uso de *to* para marcar infinitivo.

Ao mesmo tempo em que houve mudança gradual de verbos plenos para auxiliares, houve o aumento da frequência de tipos de verbos que eram usados com a forma *do*. Auxiliares muito frequentes, como *have* e *be*, mantiveram a sintaxe antiga: com inversão de sujeito, negação após os auxiliares, e sem *to* entre eles e o “complemento”.

Essas mudanças não foram decorrentes de uma reanálise feita pelas crianças, como a teoria gerativista explicaria, mas se deu em virtude da mudança gradual que ocorreu no uso do adulto. A autora defende que é possível haver reanálise gradual, apresentando uma concepção diferente da visão gerativista, para a qual o mecanismo é abrupto. Nem todos os auxiliares presentes hoje no inglês foram muito frequentes. A explicação para o seu surgimento seria a analogia com outros auxiliares, conforme definido no capítulo 4.

O capítulo 8 versa sobre processos cognitivos que interagem para criar a estrutura linguística que entendemos como gramática. O processo de domínio-geral *chunking*, por exemplo, evidencia que unidades relevantes semanticamente entre si tenderão a aparecer juntas. A estrutura constituinte depende também da categorização, outro processo cognitivo. De acordo com a autora, a categorização resulta em conexões de rede que sustentam a analisabilidade, donde é possível entender que uma sequência de palavras que frequentemente aparecem juntas adquire uma representação própria, que informa sobre seus contextos de uso, seus sentidos e inferências. Assim, o grau de reconhecimento dessa sequência como uma unidade autônoma depende da existência ou não de analisabilidade de suas partes em relação ao todo.

Decorrente da perda da analisabilidade, surge o processo de decategorização, um importante indicador de gramaticalização de um nome ou de um verbo dentro de uma construção. Nesse sentido, a autora compreende que, em exemplos de preposições complexas (como em *in spite of*), os nomes que delas fazem parte acabam perdendo os atributos da categoria gramatical. As construções novas são decorrentes da reanálise gradual, que apaga as fronteiras entre as palavras.

Em *Conventionalization and the local vs. the general: Modern English can*, capítulo 9, a autora apresenta um estudo acerca das combinações de formas verbais com *can* e *can't* que se tornaram convencionalizadas, algumas com função discursiva ou significados especiais e outras não. Seu objetivo é mostrar que, examinando usos especiais de *can + V* e *can't + V* em contextos altamente frequentes, é possível obter pistas da relação entre funções específicas e funções mais gerais. Em muitos casos, *can't* não é a negação de *can*, mas faz parte de um *chunk*, uma construção formulaica. Sabemos que frases na afirmativa são mais frequentes do que na negativa. Assim acontece com *can*: ele é três vezes mais frequente do que *can't*. Porém, no uso de seis verbos (*seem, believe, think, remember, say* e *afford*), a sequência com *can't* foi mais frequente. Há aí generalizações locais,

portanto, e a sequência de *can't* + certos verbos não constitui de fato a negação de *can*, mas, ao invés disso, assume parte de construções inteiramente independentes.

A autora apresenta a análise de cada uma das construções com esses seis verbos (*can't seem*, *can't believe*, etc), demonstrando que não é a expressão com um verbo que se torna convencionalizada, mas sim algum aspecto de sentido apresentado numa situação particular é que se tornou convencionalizado. Ou seja, há diversos casos a partir dos quais se pode concluir que, na repetição de uso de certas unidades linguísticas com certas inferências contextuais, a inferência passa a fazer parte do significado.

O capítulo 10, *Exemplars and grammatical meaning: the specific and the general*, discute as consequências da sua proposta para a compreensão do significado de categorias gramaticais. Bybee defende que o significado gramatical se origina do significado lexical. Com isso, entende que a dimensão diacrônica é importante, não apenas para o conhecimento da história da língua, mas porque é ela que determina, em grande medida, a distribuição e o sentido das formas linguísticas quando analisadas dentro de uma perspectiva sincrônica. Novamente entra em jogo a literatura de base funcionalista que recobre os estudos sobre gramaticalização – processo que, para Bybee, é crucial para o entendimento da constituição emergente da gramática.

Ainda a respeito da gramaticalização, a linguista lembra que o reforço pragmático permite que inferências e sentidos fornecidos pelo contexto se tornem parte do sentido de um morfema gramatical ou construção. Sobre isso, é interessante a observação da autora quanto ao fato de que culturas diferentes frequentemente fazem inferências pragmáticas semelhantes. Ela argumenta, ainda, que as evidências diacrônicas sugerem que formas gramaticais e construções têm significados, alguns dos quais fornecidos pela convencionalização de inferências comuns no discurso.

Para ela, morfemas gramaticais são sempre partes de uma construção e seu sentido só pode ser inferido dentro do sentido da construção como um todo, uma vez que um mesmo morfema gramatical, quando instanciando construções distintas, pode assumir contornos semânticos também distintos. O capítulo traz uma análise de alguns casos de mudança gramatical e semântica, como a gramaticalização de *can* e da formação de *in spite of*.

O capítulo 11, *Language as a complex adaptive system: the interaction of cognition, culture and use*, apresenta uma reflexão acerca da teoria linguística adotada, em oposição à visão gerativista. Há a ênfase de que uma teoria deve ser aplicável a todas as línguas humanas e deve reconhecer, em algum nível, o que todas as línguas têm em comum, mas precisa se basear em dados empíricos, uma vez que o que é comum entre as línguas pode ser explicado com referência ao uso da língua. Uma teoria também deve explicar as tipologias linguísticas e a mudança.

O capítulo é muito interessante, pois a autora faz generalizações, a partir de pesquisas realizadas nas últimas décadas, acerca do que é universal em termos de linguagem, do que é específico, de como a linguagem humana deve ter se desenvolvido e de como se dá a mudança linguística. Numa visão claramente não-inatista, Bybee defende que habilidades gerais da mente humana (como categorização e capacidade de fazer/entender inferências), assim como os assuntos sobre os quais os humanos normalmente conversam e as estratégias para transmissão da informação explicam o que há em comum entre as línguas e como as línguas mudam. Tais habilidades também explicam as diferenças já que as estratégias de inferências são convencionais e as construções que serviram de ponto de partida para gramaticalizações também são específicas de cada língua.

Language, usage and cognition apresenta-se como uma importante obra dentro da linguística funcionalista norte-americana ou linguística centrada no uso. O livro é fruto do amadurecimento teórico e metodológico desse ramo da linguística e reúne resultados de pesquisas das últimas décadas e reflexões imprescindíveis para aqueles que querem trabalhar numa perspectiva que concebe a gramática como sendo criada e modificada por habilidades cognitivas do domínio geral e pelo uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bybee, J. (2010). *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP.

Croft, W. (2001). *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: OUP.

Fillmore, C. *et al.* (1988). Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. *Language* 64: 501-38.

Goldberg, A. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.

_____. (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP.

Hay, J. (2001). Lexical frequency in morphology: is everything relative? *Linguistics* 39: 1041-70.

_____. (2002). From speech perception to morphology: affix-ordering revisited. *Language* 78: 527-55.

Langacker, R. (1987). *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*, Vol. I. Stanford, CA: Stanford University Press.